

## MULHERES E FUTEBOL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE FUTEBOLISTAS NO SUL BRASIL NO SÉCULO XXI.

BRUNA ESCOBAR DA SILVA<sup>1</sup>; LUIZ CARLOS RIGO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [bruuna.escobar@hotmail.com](mailto:bruuna.escobar@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [rigoperini@gmail.com](mailto:rigoperini@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O futebol moderno adentra o século XXI como o “esporte das Multidões” GIULIANOTTI (2002) e ROBERTONS; R e GIULIANOTTI (2006). Todavia, apesar do futebol ser reconhecido como uma das principais manifestações culturais da modernidade, muitos discursos denunciaram que o futebol moderno era: “uma área masculina reservada” DUNNING (1993). Em parte as críticas de gênero ao futebol moderno estão relacionadas à forma que o “futebol de mulheres”, GOELLNER (2005), foi tratado no decorrer do século XX, na maior parte dos países. No Brasil, por exemplo, ele não apenas careceu de incentivo como foi alvo de interdição e fez parte de uma lista de modalidades esportivas que durante o governo de Getúlio Vargas foram classificadas como proibidas para as mulheres, através do decreto-lei n. 3199 de 14 de abril de 194. Proibição esta que se estendeu até o ano de 1979, CASTELLANI (1988).

Essa intervenção/proibição não apenas reforçou o preconceito perante o futebol jogado por mulheres, mas também ajudou a criar novos estereótipos de gênero no futebol, como, por exemplo, o discurso de que mulher não combina com futebol. Esse longo período, de intervenções legais e de discursos oficiais, referendou uma postura de descompromisso, de desqualificação e desleixo para com o futebol jogado por mulheres de parte das federações e dos clubes, ao longo de toda a segunda metade do século XX, ALMEIDA (2018), RIAL (2013) e RIGO Et. Al. (2008).

Principalmente a partir do século XXI, acompanhamos um movimento de reconfiguração do futebol de mulheres, tanto no cenário nacional como internacional. Todavia, apesar disso, no Brasil ele ainda está longe de ter o reconhecimento e principalmente o suporte político institucional necessário para que possa consolidar-se como um esporte profissional, condições similares ao estado que já alcançou em outros países, como, por exemplo: Estados Unidos, Suécia, China, Espanha e a Alemanha, TEIXEIRA; CAMINHA (2013), ALMEIDA (2013); KESSLER (2016) e BARREIRA Et. Al. (2018).

Neste contexto, esta pesquisa teve como objetivo principal analisar o estado do futebol jogado por mulheres no cenário brasileiro. Mais especificamente questões relacionadas com a produção da futebolista; o processo de iniciação, a formação e as condições de possibilidade de profissionalização do futebol de mulheres no Brasil no século XXI.

### 2. METODOLOGIA

O corpus empírico da pesquisa constitui-se em duas entrevistas com o técnico da equipe Pelotas Phoenix, Marcos Planeta, uma entrevista com Cléo Luiz Lopes de Moura (2018), treinador da equipe João Emílio da cidade de Candiota – RS. Uma entrevista em dupla com duas futebolistas da equipe do Pelotas Phoenix, Júlia Oliveira e Débora Maciel (2017). Além de uma entrevista

da ex-futebolista e atual auxiliar técnica da Seleção Brasileira de Futebol Feminino Beatriz Vaz e Silva, que se encontra armazenada e de acesso público no CEME – ESEF/UFRGS (Centro de Memória do Esporte, da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) <http://www.ufrgs.br/ceme/site/entrevistas>). O suporte teórico metodológico da pesquisa foi a História Oral, principalmente os princípios apresentados por Thompson (1992); Portelli (2010); Ferreira (2000) e Montenegro (1997).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

*Meu irmão mais velho é mais fanático. A minha mãe também é muito fanática. E eles me incentivavam muito. [...] foi com ele que eu comecei jogando. A gente entrou para uma escolinha, eu e meus dois irmãos. Eu fui jogar só futsal, eu joguei futsal até os dezesseis anos. Depois eu joguei pelo Santos e depois eu vim para o Pelotas. ENTREVISTA, OLIVERIA (2017).*

Principalmente pelo preconceito que existe no corpo social, o apoio familiar parece ser mais decisivo para que a menina siga no futebol do que ocorre entre os meninos. Ou seja, dificilmente uma menina consegue prosseguir na prática do futebol com uma perspectiva de se tornar futebolista se ela não tiver um apoio entre familiares.

Além do preconceito social, as oportunidades existentes para as meninas constituírem-se enquanto futebolistas são bem menores do que as oportunidades que existem para os meninos. Poucas são as equipes de meninas existentes na maioria das cidades e raros são os clubes de futebol que apresentam uma proposta de categorias de base feminina. Desse modo, a maioria das meninas tende a iniciar sua formação, com o apoio de familiares, em equipes ou escolinhas de futsal e depois de certa idade migram para o futebol, como foi, por exemplo, o caso da Débora: “[...] quando fechasse os quatorze anos, tu poderias ir pro campo, se tu te destacasses na escolinha de futsal. Então digamos que eu perdi um pouco de tempo porque eu entrei com quinze anos pro Pelotas, dois meses *para eu* fazer quinze anos”. ENTREVISTA, MACIEL (2017).

Uma análise da sistematização das entrevistas mostrou também que atualmente, diferente do que predominou no decorrer século XX e na primeira década do século XX, TEIXEIRA; CAMINHA (2013), os principais desafios não se situam mais no campo da superação dos discursos machistas e sexistas, mas sim no campo das condições de possibilidade da profissionalização dessa modalidade esportiva.

Os discursos dos sujeitos que entrevistamos enfatizam a escassez de investimento no futebol feminino brasileiro tanto de parte dos clubes como das federações. Esta “ausência de profissionalização” HAAG (2018), quase obriga as futebolistas brasileiras a “rodar” RIAL (2008) mais e, em condições piores (menos profissionais), do que rodam os futebolistas homens. Elas se tornaram “[...] verdadeiras ciganas, jogam um semestre em um estado e viajam para jogar outra competição, por outro clube, em outro estado, que oferece alguma coisa em troca.” ENTREVISTA, PLANELA (2017).

#### 4. CONCLUSÕES

A militância de muitas mulheres, futebolistas e não futebolistas produziu um aumento da prática do futebol de mulheres e um arrefecimento dos discursos sexistas de gênero, existente no futebol feminino no século XX. Todavia, apesar deste avanço, a profissionalização do futebol de mulheres brasileiro é algo ainda distante. A produção (iniciação e formação) de futebolista restringe-se a um ou outro clube e apresenta uma grande dependência de apoio de projeto familiar.

A ausência de pertencimento clubista é outro componente característico do estágio atual do futebol feminino brasileiro. A não existência de equipes femininas com tradição dificulta a constituição do sujeito torcedor. Entre os adeptos do futebol de mulheres ainda predomina admiradores, espectadores e militantes da causa, mas ainda são poucos os torcedores ou torcedoras.

Todavia, diferente do que predomina no Brasil a Copa do Mundo de 2019 de um certo ponto ser tomado como um divisor de águas no cenário internacional da produção de futebolistas mulheres. Seleções que até então gozavam de pouca tradições em Copas, como Itália, Espanha e França saíram da competição como força emergentes do futebol feminino. Um capital futebolístico decorrente das políticas de produção de jovens futebolistas e de um estágio de profissionalização do futebol feminino bastante diferente do existente em países latinos como Argentina, Chile e Brasil.

Nesse cenário talvez a seleção Holandesa (Vice-Campeã), seja o exemplo mais emblemático. Apesar de ser a atual Campeã Europeia, título conquistado em 2017, essa foi apenas segunda participação da Seleção Holandesa em Copas do Mundo, mas no critério de produção de futebolistas das novas gerações, provavelmente a Holanda esteja entre as mais ousadas. Um exemplo disso é o planejamento para as categorias de bases do futebol Jeugdplan Nederland em curso, instituído ainda em 2004. Uma das originalidades desse plano foi a determinação de que até uma certa idade as competições deixaram de ser separada por sexo e passaram a ser mistas. Essa ousada iniciativa. Essa inovação além de enfraquecer práticas e discursos sexistas, possibilitou as futebolistas holandesas das novas gerações um maior acesso às competições, organizadas pelas federações e um maior apoio dos clubes de futebol do país. (MENDOÇA, R. :[https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/07/06/como-a-holanda-revolucionou-o-futebol-feminino-e-virou-finalista-da-copa/?fbclid=IwAR0leLRrc6JH\\_zqhnrX-R1rKWewgAbqPEn41LOtn2bx2sRqVW3mqwnTtVFc](https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/07/06/como-a-holanda-revolucionou-o-futebol-feminino-e-virou-finalista-da-copa/?fbclid=IwAR0leLRrc6JH_zqhnrX-R1rKWewgAbqPEn41LOtn2bx2sRqVW3mqwnTtVFc)

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, C. S. DE. **Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia social, 2018.

ALMEIDA, C. S. DE. “BOAS DE BOLA”: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia social, 2013.

BARREIRA, Et. Al. Produção acadêmica em Futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 607-618, abr./jun. de 2018.

CASTELLANI FILHO, L. Educação física no Brasil: a história que não se conta. **Papirus**, Campinas, 1988.

ELIAS, N; DUNNING, E. *A busca da excitação*. **Difel Difusão Editora**, Lisboa, 1992.

KESSLER, C. S. (Org.). *Mulheres na área: gênero, diversidade e inserção no futebol*. **Editora da UFRGS**, Porto Alegre, 2016.

GIULIANOTTI, R. *Sociología do futebol-* Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. **Nova Alexandria**, São Paulo, 2002.

HAAG, F. R. “O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele.” Trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro. **Mosaico**, São Paulo, V. 9. N. 14 p.142-160, 2018.

MENDONÇA, R. como-a-holanda-revolucionou-o-futebol-feminino-e-virou-finalista-da-copa/? **Dibradoras.blogosfera.uol.com.br**. Publicado em: 06/07/2019. Acessado: 09/07/2019.

RIAL, C. El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil. **Nueva Sociedad**.N. 248 p. 114-126. Novembro – Dezembro, 2013. Disponível: <http://nuso.org/articulo/el-invisible-y-victorioso-futbol-practicado-por-mujeres-en-brasil/>.

-----, Rodar: A circulação dos Jogadores de Futebol Brasileiros no Exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n.30, p.21-65, jul./dez. 2008.

RIGO, L. *et al*. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira Ciência do Esporte**, v. 29, n. 3, maio 2008.

TEIXEIRA, F; L; S.; CAMINHA, I. DE O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01. p. 265-287. 2013.

GOELLNER, S. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun. 2005b.